

OS PREPARADOS BIODINÂMICOS

Introdução à preparação e uso

RALF RICKLI

Editado pelo CENTRO DEMÉTER

Editado pelo CENTRO DEMÉTER – Rua Alves Pontual, 58 – 04722 – São Paulo – SP

OS PREPARADOS BIODINÂMICOS

Introdução à Preparação e Uso

0. NOTAS INTRODUTÓRIAS	04
0.1 – Advertência	04
0.2 – Fontes	05
0.3 – A biodinâmica e seus preparados	06
1. OS PREPARADOS 500 E 5001 (SPRAYS)	08
1.1 – Como fazê-los	08
1.2 – Notas sobre a utilização	09
1.3 – A ação dos sprays (seg. Kabisch)	12
2. OS PREPAROS 502 A 507 (PARA COMPOSTO)	13
2.1 – Como fazê-los	13
PREPARADO 502 – MILFOLHAS	13
PREPARADO 503 – CAMOMILA	14
PREPARADO 504 – URTIGA	14
PREPARADO 505 – CASCA DE CARVALHO	15
PREPARADO 506 – DENTE-DE-LEÃO	16
PREPARADO 507 – VALERIANA	16
2.2 – Nota sobre a utilização	17
2.3 – Outras versões desses preparados	18
O PFEIFFER COMPOST-STARTER	18
O FLADEN, SRGUNDO MARIA THUN	18
O Q.R. COMPOST ACTIVATOR DE MAYE BRUCE	19
3. INSTRUÇÕES GERAIS PARA ENTERRAR, ARMAZENAR E DINAMIZAR PREPARADOS	21
3.1 – Como enterrar	21
3.2 – Quando enterrar e desenterrar	21
3.3 – Como armazenar	21
3.4 – Como dinamizar	22
4. ALGUNS PREPAROS ACESSÓRIOS	23
4.1 – A cavalinha (Equisetum)	23

4.2 – A urtiga – usos diversos	23
4.3 – A pasta para árvores	24
4.4 – O uso de preparos contra danos de geada	25
4.5 – Os “defensivos homeopáticos” – I	25
“O semelhante é curado pelo semelhante”, por Kabisch	26
4.6 – Os “defensivos homeopáticos” – II	
As cinzas dinamizadas, segundo Maria Thun	26
Advertência inicial	26
Procedimentos básicos	27
Como dinamizar até D8	27
O momento astronômico, nas pragas animais	28
5. A BIODINÂMICA, OS PREPAROS, E O BRASIL	
Um ensaio original	30
5.1 – A posição nacionalista ou “terceiro-mundista”	30
5.2 – A réplica “universalista”	31
5.3 – Natureza do Sul x Natureza do Norte	32
5.4 – Natureza tropical x Natureza temperada	33
5.5 – Um consenso “antropofágico”	34

0. NOTAS INTRODUTÓRIAS

– ADVERTÊNCIA

Este livreto não se destina na verdade a principiantes em Biodinâmica; seu principal objetivo é colocar à disposição de pessoas já informadas ou mesmo já trabalhando com Biodinâmica algumas instruções práticas de como fazer os preparados. Lembramos, no entanto, que quando Pfeiffer lhe perguntou se os preparados deviam passar por uma fase experimental, Steiner respondeu: “O mais importante é colocar os benefícios de nossos preparados à disposição das maiores áreas possíveis da Terra inteira, para curá-la e melhorar a qualidade nutritiva de seus produtos em todos os sentidos. Esse deve ser nosso primeiro objetivo. Experimentos podem vir mais tarde”. Parece-nos claro que Steiner viu urgência na difusão desses preparados, e não teria aprovado a manutenção destas informações em círculos fechados, exclusivos.

Por tal razão incluímos aqui alguns parágrafos introdutórios (0.3) para não deixar fora de contexto as informações mais adiantadas a eventuais leitores principiantes. A esses, de qualquer modo, recomendamos buscar literatura mais especificamente introdutória (ver o ponto seguinte, “Fontes”, consultar os catálogos da Editora Antroposófica periodicamente, etc.).

Queremos deixar claro que nosso trabalho foi o de compilar material de várias fontes, para facilitar seu acesso ao público biodinâmico brasileiro. Não se trata de um trabalho original, ou seja, não se baseia em nossa própria experiência (somos aprendizes!). Em outro sentido, porém, é original. Com exceção de uns poucos parágrafos, não se trata de mera tradução; todo o material sofreu reorganização e nova redação. O corpo principal do trabalho, ou seja, o “como fazer os preparados” provém basicamente do resumo de aula feito por Herbert Koepf de um livreto de J. Voegelé, citado nas fontes sob o nome Koepf. Aí mesmo há dados adicionais. Queremos esclarecer ainda que o capítulo final “A biodinâmica, os preparados, e o Brasil” é de nossa inteira responsabilidade: nele buscamos refletir diferentes opiniões correntes no meio biodinâmico (que deve ser, por definição, pluralista), mas estamos conscientes de ter aí defendido nossas opiniões pessoais, que não são necessariamente as gerais ou “oficiais”. Gostaríamos que fosse entendido com uma contribuição a um debate aberto.

Finalmente, pode parecer estranho que tenhamos incluído uma pequena parte sobre a aplicação dos preparos 500 e principalmente 501 (a mais complexa), e pouco também sobre as bases teóricas dos preparados, enquanto que devemos bastantes detalhes sobre “preparados menores”. Nossa posição é de que justamente desses “preparados menores” é difícil encontrar informação compilada, enquanto que qualquer obra de biodinâmica faz referência aos preparos básicos. Por outro lado, assunto como os fundamentos ou a aplicação do 501 são tão complexos e profundos que não caberiam no limite deste trabalho. Aprofundar-se nele significaria, necessariamente, estudar biodinâmica a fundo e consultar variedades de obras.

Esperamos sinceramente que o material ora apresentado venha a ser útil à pesquisa e à prática da biodinâmica no Hemisfério Sul.

Guarapuava, dezembro de 1983.

Ralf Correia Rickli,
pela compilação e redação.

FONTES:

- BRUCE, MAYE – “COMMON–SENSE COMPOST MAKING” (Faber & Fober, London)
- CASTELLIZ, KATHERINE – “LIFE TO THE LAND – GUIDELINES TO BIO-DYNAMIC HUSBANDRY” (The Lanthorn Press, Peredur, Sussex, 1980)
- KABISCH, HARALD (1906-1973) – “GRUNDZÜGE EINES BIOLOGISCH DYNAMISCHEN LAND – UND GARTENBAUES” (Nona edição alemã; cópia utilizada sem dados da editora).
- KABISCH, H. – “LA GUÍA PRÁCTICA DEL MÉTODO BIO-DINÁMICO EN AGRICULTURA” Edição interna do Programa Hacia una Sociedad Ecológica (Gobernación del Distrito Federal/Universidad Simón Rodríguez, Venezuela). Traduzido ao espanhol da tradução francesa de Germaine Claretie, suplemento da revista Tríades n° 15 (Paris), por sua vez traduzida da edição acima.
- KOEPF, HERBERT H. – “INSTRUCTIONS FOR MAKING BIO-DINAMYC PREPARATIONS” – Resumo, com adições, do livreto de J. Voegelé “Anleitung zur Herstellung der “Dunger-Präparate” (Forschungsring, Darmstadt). (Postila interna para aulas no Emerson College).
- KOEPF, PETERSON, SCHAUMANN – “AGRICULTURA BIODINÂMICA”. Tradução de Andréas R. Loewens e Ursula Szajewski (Nobel, São Paulo, 1983).
- PFEIFFER, EHRENFRIED E. (1897-1961) – Prefácio à edição inglesa do curso de Rudolf Steiner, “Agriculture” (BD Association, London). Reimpresso da contribuição ao simpósio “wir erlebten Rudolf Steiner” (Verlag Freies Geistesleben, Stutgart), traduzido ao inglês como “Rudolf Steiner by his pupils”, edição especial da revista Golden Blade, 1958.
- PFEIFFER, E. E. – “THE BIODYNAMIC TREATMENT OF FRUIT TREES, BERRIES AND SHRUBS” – Reimpresso (1976, Manfred Printing) da revista norte-americana Bio-Dynamics, n°s 42-43.
- THUN, MARIA – Notas do curso dado em São Paulo em janeiro de 1983 sob o nome “Aspectos da Agricultura Biodinâmica”. Em fase de organização para publicação pela Deméter.
- THUN, M. – Redação: ? – Folheto “O preparado do Fladen, segundo Maria Thun”, publicado há alguns anos pela Associação Beneficente Tobias, Grupo de Trabalho Biodinâmico (precursor do Centro Deméter).
- VOEGELE, J. – Ver KOEPF, H.

A BIODINÂMICA E SEUS PREPAROS

Hoje é ponto pacífico, entre pessoas de bom-senso, que a agricultura atual enveredou por caminhos equivocados e perigosos que ameaçam a própria sobrevivência do ser humano e sua civilização. Sabe-se também que necessitamos alternativas: sistemas agrícolas saudáveis e viáveis, que não representem uma mera volta a sistemas tradicionais, inadequados a um mundo que mudou. Necessitamos sistemas inovadores que não desprezem a tradição no que ela nos tem a contribuir, mas que olhem decididamente à frente – e que não progridam por mero impulso, sem saber aonde vão (como a atual agricultura tecnoquímica), mas escolham conscientemente o tipo de progresso desejado.

A biodinâmica foi a primeira alternativa a surgir, desde que a agricultura tecno-química se esboçou, no século passado. Suas bases foram colocadas em 1923/24 por Rudolf Steiner, iniciador da Antroposofia. Muitos pontos da biodinâmica são comuns a outras escolas orgânicas de agricultura: adubação orgânica, conservação de solos, policultura, etc. Outros pontos são contribuições específicas e originais da biodinâmica: como preparados de ação semelhante à de homeopatia, calendários baseados em pesquisas novas sobre a influência dos ciclos astronômicos na terra e nas plantas – e, sobretudo a concepção geral da atividade agrícola, que acaba marcando a nossa prática de um modo difícil de definir.

Este não é um livro de introdução geral à biodinâmica. Praticamente não trata da concepção geral, nem das bases orgânicas, nem dos calendários. Seu assunto principal são os preparados, e desses também pouco toca na teoria: como fazê-los é o seu tema. Para uma compreensão clara dos próprios preparados é necessário, portanto, estudar biodinâmica em outras obras. Queremos apenas esclarecer o que segue:

Dissemos que os preparados são semelhantes à homeopatia – mas não que eles se prendam a teoria ou prática da homeopatia médica. Com esta, eles tem em comum o fato de terem por base substâncias naturais, que vêm a sofrer algum processo de dinamização; de atuarem justamente através de forças, não da substância, e portanto serem usados em quantidades mínimas. Essas afirmações podem parecer de pouco sentido dentro dos limites da ciência ortodoxa atual – o que não deve nos desencorajar, pois essa ciência ortodoxa tornou-se para a pesquisa livre e criativa quase tão sufocante quanto a ortodoxia religiosa no fim da idade média. Fora de seus estreitos muros florescem hoje disciplinas as mais brilhantes e de eficácia – como, por exemplo, a homeopatia médica, cuja fora de pensar nos possibilita entender perfeitamente os preparados biodinâmicos.

Ainda que às vezes pareçam lidar com coisas obscuras ou “ocultas” a Antroposofia e a biodinâmica pretendem justamente trazer clareza científica também a esses domínios – trabalhando pelo dia em que a ciência e a fé se unificarão de novo num modo integral de conhecer o mundo.

Poderíamos classificar os preparados biodinâmicos em básicos e acessórios. Os básicos têm uma profunda ação sobre o metabolismo do solo, das plantas e dos adubos orgânicos, e sobre a Natureza e suas forças em geral, criando a condição de vitalidade e saúde que é a própria base do sistema biodinâmico. Já os acessórios têm funções reguladoras mais limitadas, podendo mesmo alguns ser comparados a defensivos agrícolas, mutatis mutandis.

Os preparados básicos também se dividem em dois grupos: de um lado, os preparados 500 e 501, usados como “sprays” diretamente no solo ou nas plantas. De outro, os preparados 502 a 507, usados em adição a compostos e outras formas de adubo orgânico.

Cabe observar que esses números não têm qualquer significação especial: ao que parece, tratava-se de uma numeração interna de laboratório quando foram feitas as primeiras experiências – e se tornaram uma tradição, conservada por que prática.

Chamamos de acessórios quaisquer preparados além dos já citados – pelo menos até o dia em que se criem novos preparados para as mesmas funções. Falaremos deles no capítulo 4; chamamos atenção especialmente para as dinamizações de cinzas, que são desenvolvimentos mais recentes da biodinâmica, a partir de indicações apenas germinais de Steiner.

Fazemos também referência à polêmica contribuição de Maye Bruce, que prefere situar-se fora do movimento biodinâmico, embora tenha desenvolvido o que se poderia chamar “versão vegetariana” do preparados para composto. Cremos que não há outra referência em português ao seu trabalho, e que este livreto não estaria completo sem isto. OS

PREPARADOS 500 E 501 (SPRAYS)

São possivelmente os mais fundamentais preparados da biodinâmica. Seu uso é diretamente sobre solos ou plantas, ao contrário dos preparados 502 a 507, usados principalmente no composto ou esterco. A utilidade destes preparados é grande mesmo quando os outros preparados ainda não tenham sido introduzidos.

COMO FAZÊ-LOS.

O material básico do 500 é esterco bovino; o do 501 é sílica moída. Para os dois se utiliza como recipiente (que lhes trará as forças do esfero animal) o chifre da vaca. Seguem instruções detalhadas:

O CHIFRE

- a) Usar chifres de vaca, não de boi ou touro. O chifre de vaca tem tendência de se desenvolver em espiral, é mais denso, pesado, e tem a ponta preenchida. O chifre de boi tende a ser mais radial (reto) e possui mais espaço oco na ponta.
- b) Os melhores chifres são os de vaca de meia-idade (5 a 8 anos).
- c) os chifres devem ser usados tão cedo quanto possível – tão logo se possa soltar a parte óssea de dentro. Não devem ser escalados!
- d) Um chifre pode ser usado três ou quatro vezes. Quanto a camada exterior começa a descascar ou amolecer, deve ser descartado.
- e) Chifres deformados o com pouco espaço interno são provavelmente inadequados.
- f) Chifres vazios devem ser guardados em estábulo na proximidade de gado.

O ESTERCO (material para o prep. 500)

- a) Usar esterco relativamente fresco, e que não tenha sido exposto à geada.
- b) Usar esterco de animais que estejam no pasto ou com feno – mas não silagem, nabos forrageiros, concentrados, etc.
- c) Ao encher o chifre, observar que o esterco vá até o fundo.
- d) Caso esteja em ordem, o preparo praticamente não cheira. Se foi usado chifre de touro ou boi, ao fim do inverno o cheiro ainda é desagradável e o aspecto geral não mudou.
- e) Para a quantidade: ter em vista quanto preparo se vai, necessitar. As indicações variam: para um hectare, dissolvidos em 60 l. de água, Koepf sugere c. de 300g., enquanto Maria Thun apenas 120g. de preparado 500.

A SÍLICA (material para o prep. 501)

- a) O melhor material é o quartzo cristalino, mas também outras formas de sílica podem ser usadas, como seixos (pedras de rio) de quartzo, calcedônias (ágatas, sílex, etc.) ou mesmo feldspato potássico (ortoclásio).
- b) O material deve ser triturado bastante fino, mas há duas posições divergentes sobre qual deve ser a textura final:
- A prática tradicional recomendava que fosse moído tão fino quanto possível (primeiro a martelo, depois a pilão ou almofariz, passado por tela ou tecido e ainda trabalhado sobre prato ou lâmina de vidro com bastão de vidro – ou outro método que permitisse um pó absolutamente fino).
 - As experiências de Maria Thun recomendam que o material seja ainda levemente granulado (até 0,2 mm, granulação que ainda sés sinta nos dedos) – conforme comunicações verbais de Maria Thun em São Paulo, 1983.
- c) Mistura-se o pó com uma pequena quantidade de água da chuva, dando-lhe consistência de massa fina; enche-se os chifres com essa massa.
- d) Nota do compilador: o pó de quartzo pode ser danoso a mucosas delicadas: cuidado com os olhos e para não inala-lo!
- e) Para a quantidade: ter em conta que se necessita apenas uns 4g. (quatro gramas) de preparado 501 por hectare, o que significa que muito menos chifres são necessários do que para o 500. A indicação acima é de Koepf e Kabisch. Maria Thun sugere apenas 1g. (um grama).

COMO ENTERRAR

- a) O ponto mais alto do chifre deve ficar a uns 30 ou 40 cm da superfície. Para evitar a entrada de água da chuva, a melhor posição é a horizontal, mesmo com a boca levemente inclinada para baixo. Esta posição também ajuda a evitar a invasão por raízes.
- b) Pode-se enterrar quantos chifres houver num mesmo buraco – naturalmente que enquanto se tratar do mesmo preparado (ou o 500 ou o 501).
- c) Maiores instruções no ponto 3.1.

QUANDO ENTERRAR

Os preparados 500 e 501 constituem uma polaridade, sendo enterrados em épocas opostas: o 500, ligado as forças terrestres permanecendo enterrado durante o inverno: é enterrado perto do equinócio de outono (aqui: março época de Páscoa) e desenterrado perto do equinócio de primavera (setembro). Já o 501, ligado as forças cósmicas, permanece enterrado durante o verão. Apesar de parecer lógico que a época de enterra-lo fosse o equinócio de primavera, temos dados explícitos (nas instruções segundo Koepf/Voegele) de que seja enterrado cerca do solstício de verão, ou seja: no Hemisfério Sul em dezembro, época de Natal. Desenterrar em fins de abril, começo de maio.

Para ambos: podem ser deixados na terra por mais de um ou dois anos, desenterrados no ano em que serão usados, na época devida. Caso desenterrados antes, armazena-los de acordo com o ponto 3.3.

Nota: nas regiões próximas ao Equador desaparece o ritmo no qual estes preparados se baseiam, e surgem outros ritmos. Não há ainda experiências suficientes para sugerir procedimentos alternativos nesse caso, mas essas experiências são sem dúvida necessárias, pois a própria teoria por trás desses preparados sugere que podem não ser eficientes aí os procedimentos comuns. Sugerimos a leitura do ponto 5.4.

NOTAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DOS PREPAROS 500 E 501

QUANTIDADES

As indicações sobre dosagem dos preparados 500 e 501 variam bastante, pois na verdade não é importante uma dosagem numericamente exata. A idéia geral é que o 500 se mede em punhados, o 501 em pitadas.

Existe uma referência constante ao uso de sessenta litros de solução por hectare – de todo e qualquer preparado. Agricultores brasileiros têm reclamado que uma quantidade extremamente incômoda de usar em trator que o ideal seria duzentos litros por hectare. Não temos de momento resposta para essa questão; tudo o que podemos dizer é que não há razões especialmente biodinâmicas para essa quantidade de sessenta litros – parece ser mais uma convenção, quem sabe baseada em fatores práticos de outro tipo de maquinário.

As dosagens sugeridas por Maria Thun, Koepf e Kabisch vão abaixo, em forma de tabela. Os números referem-se ao peso em gramas de preparado seco para 60 litros d' água (que por sua vez se destinam a um hectare):

	<u>Maria Thun</u>	<u>Koepf</u>	<u>Kabisch</u>
500	120g	300g	8 doses de c. 70g.
501	1g	4g	4 doses de c. 1g.

Nota: As doses a que se refere Kabisch parecem ser quantidades-padrão nas quais esses preparados são comercializados na Europa.

A DINAMIZAÇÃO

Tanto o 500 quanto o 501 devem ser dinamizados por uma hora antes de aplicados. Seguir as instruções gerais, no ponto 3.4.

A PULVERIZAÇÃO DO PREPARO 500:

Esse preparado se dirige mais ao solo do que às plantas. Pode ser aspergido em gotas mais ou menos grandes, por exemplo, diretamente com a mão, a partir de um balde (ao contrário do 501, que deve ser usado em névoa fina). É claro que também pode ser usado em pulverizadores mecânicos, mas igualmente pode cair em gotas: não é necessário que seja espalhado homogeneamente por toda a superfície. (Obs.: Não usar o pulverizador para outros fins).

A hora ideal para sua pulverização é a tarde, desde que já se sinta o movimento do recolhimento da Natureza.

Da obra de Kabisch citado nas fontes (0.2) transcrevemos os seguintes parágrafos, muito práticos (traduzidos em rigor):

“Em princípio a pulverização do preparo 500 deve ser feito antes de cada sementeira – seja em jardinagem, seja em agricultura. Na primavera, sobre superfícies verdes que acabam de ser submetidas ao inverno, aplica-se tão logo o possível, com um impulso ao crescimento. Também em horticultura, pulverizam-se os canteiros antes da sementeira. Nesse caso, deve-se pulverizar de novo após 2 a 4 dias, e ainda uma terceira vez quando as sementes hajam brotado: esses cuidados são necessários hoje em dia, quando não se tenham sementes originárias da mesma propriedade. Caso porém se tratem de sementes biodinâmicas, uma pulverização é suficiente. (Essa pulverização múltipla) evita enfermidades das plantas.”

(...)

“Em floricultura pulveriza-se essa preparação sobre o solo e nos troncos das árvores. Pode-se propiciar maior desenvolvimento das folhas, quando este já teria parado, aplicando nelas este preparado. Isso é aconselhável em tempo de seca”.

“Conseguiram-se melhores resultados pulverizando cereais pela manhã, árvores à noite”.

“Tratando-se de pastos e gramados, faz-se uma pulverização imediatamente após cada pastejo (1) ou corte. Isso substitui adubações, sendo o modo mais barato de manter pastos e gramados”.

A PULVERIZAÇÃO DO PREPARO 501

Ao contrário do preparo 500, o 501 requer uma pulverização fina, em forma de névoa. Deve ser aplicado pela manhã, idealmente por volta do nascer do sol. Não se pode aplicar este preparado quando haja sol forte, a partir das nove ou dez da manhã, por exemplo: isso acarretaria queimaduras nas plantas. É interessante observar que há relatos de queimaduras solares sérias ao aplicar-se esse preparado sem camisa, ou (experiência da própria MariaThun) lavar o rosto na solução do preparo.

As mais espantosas melhorias de qualidade (inclusive na produção de sementes) têm sido conseguidas com a aplicação tríplice deste preparado. Já se percebe que o uso do 501 e, por si, uma arte e um dos mais vastos capítulos da biodinâmica. É portanto natural que aqui não possamos esgotar o assunto; apenas transcreveremos o que Kabisch diz a respeito em sua obra citada:

“O preparo de sílica não pode ser aplicado antes de certo grau de desenvolvimento das plantas. Plantas muitos jovens não o suportam, ainda. Alfaces e espinafres, entre outras, correm o risco de florescer e produzir semente precocemente, nesse caso. Dá-se esse preparado às alfaces quando começam a formar cabeça, o que se percebe pela curvatura das folhas. Isso vale também para as diferentes brássicas que formem cabeça (repolho, couve chinesa, etc)”.

Para flores (decorativas), tomates, morangos, árvores frutíferas, etc, a regra é que já se vejam os botões das flores, para a primeira pulverização. Para os tomates e morangos, continua-se a aplicar o preparado de quando em quando, estando as flores já abertas: não lhes traz prejuízo. Já no pomar, só se repetem quando hajam secado as flores. Ainda sobre os tomates: em anos muito úmidos podem receber o 501 cada duas semanas, começando porem só quatro semanas depois de plantados. Nunca aplique este preparado sobre plantas recém-transplantadas: elas devem primeiro ter estabelecido bem as raízes. (2)

Para raízes: fazer a primeira aplicação quando tiverem a grossura de um lápis (axiais, como cenouras) ou o tamanho de uma castanha (redondas).

Para árvores frutíferas: depois da primeira pulverização, quando as fores estavam em botão, só se volta a pulverizar quando as folhas estejam completamente desenvolvidas; depois quando as frutas (maçãs, p. ex.) tenham um diâmetro de uns 2 cm., e finalmente quando já estejam maduras.

As diferentes couves, principalmente o repolho branco, podem receber o preparado de sílica a cada duas semanas: isso lhes da firmeza e qualidade, ao mesmo tempo que os defende da borboleta do repolho

Batatas devem receber o 501 quando mostrem algum desenvolvimento de flores. Antes de florescer, são pulverizados pela manhã. Depois de florescidas, à tarde ou à noite.

(1) Isso só é possível, naturalmente, como uma rotação de pastos, como a proposta por Voisin – o que aliás deve ser adotado por muitas razões, não apenas por esta. (N. do T.).

(2) Para tanto contribui o 500 (N. do T.).

As leguminosas, cuja natureza as dirige fortemente para a terra, reagem com bons rendimentos a pulverizações à tarde ou à noite. Isso também vale para tubérculos e raízes – quando se deseja a raiz; quando se quer uma boa floração e uma boa maturação de sementes é preferível a pulverização matinal. Por essa mesma razão, somente a primeira pulverização das alfaces e espinafres deve ser pela manhã – as outras virão de preferência à noite, para evitar a formação de sementes.

Pepinos e abóboras em terrenos arenosos não suportam preparado de sílica! Cuidado. Já em terrenos pesados, frios ou úmidos, essas plantas são equilibradas e têm sua qualidade melhorada por esse preparado.

Cereais só devem receber o 501 quando já tenham certo grau de rigidez, quando começam a dar seu “estirão”. A primeira pulverização é recomendada quando já haja três colmos firmes. Uma segunda pulverização é recomendada logo em seguida, para garantir a firmeza dos colmos. O preparado evita a acamação dos cereais e melhora sua maturação, por trazer-lhes mais luz e calor.

A eficácia do tratamento das plantas com este preparo é uma questão de prática, experiência e um tato todo especial”.

Queremos observar ainda: o máximo feito do preparado 501 (e também o do 500, numa certa medida) se obtém quando cada tipo de planta é pulverizado em seu momento astronômico correto. Isso exige porém estudo dos calendários biodinâmicos, o que não cabe neste livreto.

A AÇÃO DO SPRAYS, SEGUNDO KABISCH

Mais uma vez, pediremos licença a Kabisch de transcrever dois parágrafos seus:

“O preparado de esterco (500) favorece a formação das raízes. Além disso, intensifica toda a atividade do solo. Ajuda o solo a se soltar e desfaz compactações de todo tipo até grandes profundidades. Favorece também a vida e microvida do solo: fungos, algas, bactérias e vermes, especialmente minhocas. Como é um estímulo à fecundidade e ao aumento, é de grande valor na criação de estoques de sementes. É uma grande ajuda também no cultivo de plantas que acumulam nitrogênio (leguminosas). Não só o solo o absorve, como também as folhas, de modo que dá bons resultados quando aplicado sobre pastos e gramados, onde mal chega ao solo. Danos por calor são prevenidos com este preparados: pulveriza-se árvores cujos frutos estejam ameaçados de cair por calor ou seca. Trata-se de um preparado portador de forças invernais. Exerce uma ação refrescante, favorece o orvalho e estimula a seiva.

“O preparado de sílica (501) transmite luz e calor. Favorece o crescimento longitudinal e a estruturação mais finas dos tecidos. Colmos de cereais se tornam elásticos, flexíveis e resistentes, evitando o acamamento. Intensifica-se a formação de clorofila e a absorção de luz. Formam-se maiores teores de açúcares. Depósitos de sílica na raiz, caule, folhas ou frutos são aumentados. Todo o desenvolvimento se torna mais “enxuto”, melhorando a capacidade de conservação dos produtos. A cor e o brilho das plantas se tornam mais intensos. Em alguns feijões não só a qualidade como também o rendimento quantitativo são melhores com o preparado de sílica. O sabor é melhorado de forma tão sensível que até os animais, selvagens e domésticos, demonstram preferir os lugares onde o 501 foi aplicado. A maturação é favorecida, o que facilita a colheita do feno. Depois das colheitas, a secagem é mais rápida. O aroma é mais duradouro. Em anos úmidos e frios plantas sensíveis, como tomates podem ter no preparado de sílica o único meio de garantir sua saúde e boa maturação. Este preparado é portador das forças do verão. Atua como mediador da luz e do calor.

1. OS PREPARADOS 502 A 507 (PARA COMPOSTO)

COMO FAZÊ-LOS

Os seis preparados que se seguem não são via-de-regra utilizados diretamente sobre as plantas ou sobre o solo, mas os acrescentamos à pilha de composto ou depósito de esterco. Algumas outras formas de aplicação serão referidas no texto, desenvolvidas no texto, principalmente no ponto 2.3. (Outras versões desses preparados) e 4.4 (preparados contra danos de geadas).

A preparação desta série é bastante mais complexa do que a dos anteriores, principalmente devido aos órgãos animais necessários. Essa dificuldade é máxima no preparado 502, onde é requerida uma bexiga de cervo – é importante observar que cervo não é qualquer tipo de veado, o que já introduz a pergunta inicial sobre bexigas nacionais x bexigas importadas. Mais séria, todavia, é a questão sobre a validade do sacrifício de animais selvagens, principalmente no Centro-Sul brasileiro onde a caça (por incrível que pareça) precisa ser mais restrita que na Europa. É um dos casos que nos fazem desejar os preparados “vegetarianos” de Maye Bruce (ponto 2.3.) – mas é preciso não ser meramente sentimental e buscar a esse respeito uma atitude mais profunda. Poderíamos lembrar talvez a atitude de um pajé norte-americano (ver “Rolling Thunder”, de Doug Boyd) que, em meditação, entrava em contato com um animal e lhe explicava estar agora precisando do seu corpo mais do que ele próprio, e lhe pedia permissão de usa-lo. Combinavam então hora e local, e o animal estava lá a espera. Acreditamos que o Ser Humano tenha o direito de mexer mesmo em tais recursos da Terra, desde que o faça com extrema parcimônia e responsabilidade. (Nota do compilador).

PREPARADO 502 – MILFOLHAS

MATERIAL:

- Flores de *achilea milifolium* (milfolhas, milefólio; no Sul, pronto-álvio).
- Bexiga de cervo macho.

SOBRE AS FLORES:

- a) Colha as folhas perto do solstício de verão (22 de dezembro). É importante que a planta esteja bem florescida, pode até ter começado a dar sementes.
- b) De acordo com testes de cristalização, o ideal é colher de manhã depois que o orvalho tenha secado e as folhas estejam bem abertas.
- c) Se não há flores frescas à mão, pode-se usar flores secas. Nesse caso umedecê-las imediatamente antes de uso com seiva das folhas de milfolhas, ou mesmo com chá das folhas secas.

SOBRE A BEXIGA:

- a) Deve ser do animal macho. Para ter certeza deste fato, pode-se pedir ao fornecedor que deixe os testículos junto.
- b) Não lave a bexiga. Tendo de guardá-la, encha-a (com bomba de bicicleta, por exemplo) pendure-a em lugar seco. Antes de usá-la restaure flexibilidade deixando-a na água por um pouco.

COMO PREPARAR:

- a) Simplesmente amasse as flores, pressionando-as e “embolando-as” bem, e as enfie dentro da bexiga.
- b) Amarre a bexiga para as flores não saírem e pendure-a num lugar ensolarado. Isso deve ser feito na segunda metade de dezembro.
- c) A bexiga deve permanecer neste lugar ensolarado até o começo de abril. Então enterre-a até a primavera (outubro ou novembro). O modo de enterrar segue as instruções gerais (secção 3).
- d) Ao desenterrar, cuidado, pois a bexiga estará frágil, se não decomposta. Não faz mal coletar uns grãos de solo junto, é melhor que perder a preparação.
- e) Uma vez desenterrado, o preparado pode ser usado imediatamente, ou armazenado, conforme as instruções gerais (secção 3).

OBSERVE: Que as flores fiquem bem compactadas; que, quando penduradas, as bexigas não corram risco de atrito entre si ou com paredes, pois são bem frágeis.

PREPARADO 503 – CAMOMILA

MATERIAL:

- Flores de *Matricaria Chamomilla*, também chamada *Chamomilla officinallis* (camomila, maçanilha).
- Intestino bovino.

INSTRUÇÕES:

- a) Colher somente as flores de camomila verdadeira – nenhuma outra espécie de camomila serve. De acordo com testes de cristalização, a melhor hora para colher é de manhã bem cedo. Deixá-las secar levemente e fazer com elas pequenas “salsichas” de intestino bovino, bem estufadas.
- b) Açougueiros geralmente viram o intestino pelo avesso para limpá-lo. Antes de usar voltá-lo a posição original (com as camadas gordurosas por fora). Se o intestino recebeu sal, não serve.
- c) Enterrar as “salsichas” por volta do equinócio de outono (fim de março). As instruções originais, obviamente endereçadas a áreas temperadas, dizem: “... de preferência em lugar onde a neve permaneça por bom tempo, mas o sol brilhe sobre ela.”
- d) Desenterrá-las na primavera. Enterrar e armazenar de acordo coma as instruções gerais (secção 3).

OBS.: Caso necessário, as “salsichas” podem ser feitas um tanto antes da época de enterrá-las. Nesse caso, deixá-las secar um pouco e armazena-las em vasilha de barro ou madeira, envolvida em turfa.

PREPARADO 504 – URTIGA

MATERIAL:

- Urtiga dióica – Trata-se de uma urtiga não encontrada normalmente no Brasil, bastante assemelhada à melissa ou “levante”, e totalmente diferente de nossa urtiga brava. É uma planta que merece ser cultivada, pois além de seus vários usos em biodinâmica (ver secção 4) seu chá é excelente tônico, as próprias picadas são consideradas de efeito antirreumático, e pode ser comida em sopa ou com espinafre, sendo altamente nutritiva.

INSTRUÇÕES:

- a) Tanto quanto possível, use a planta fresca – embora na sua falta a seca também pode ser usada.
- b) A planta é usada inteira, com exceção da raiz.
- c) Corte as plantas quando estiverem em plena floração. Observe com cuidado, pois é fácil confundir com que as que já estão em semente.
- d) Deixe-as secar lentamente, então faça um feixe ou maço bem apertado e enterre, sem nenhum envoltório a não ser uma camada de turfa no buraco.
- e) Enterrar no verão e deixar um ano inteiro ate desenterrar.

PREPARADO 505 – CASCA DE CARVALHO

MATERIAL:

- Casca de “Carvalho branco” (*Quercus Robur*).
- Crânio de um animal doméstico.

A CASCA DE CARVALHO:

- a) Idealmente a casca deve ser tomada de uma árvore viva, preferivelmente de meia-idade (50 a 80 anos). Usa-se apenas a camada exterior, que pode ser tirada com facilidade.
- b) O carvalho não é nativo do Brasil, nem foi legalmente introduzido aqui. É possível encontrar carvalhos, principalmente no Sul, mas obviamente nem sempre podemos contar com o ideal.
- c) Moa a casca até uma textura de farelo. Um moedor de carne ou de cereais, regulado não muito fino, dá conta do recado.

O CRÂNIO:

- a) O crânio pode ser de qualquer animal domestico. Tradicionalmente tem sido usado o de carneiro. Segundo Maria Thun (palestras em São Paulo, 1983) pesquisas tem indicado que o melhor de todos seria o de cavalo.
- b) Embora não proibitivo, é preferível usar um crânio que não haja sido fervido. Um bom modo de livrar-se da carne é enterrá-lo por umas semanas ou mesmo meses em uma pilha de composto.

COMO PREPARAR:

- a) Enche o crânio com o farelo de carvalho pela abertura onde começa o cordão espinhal. Feche com um pedaço de osso.
- b) Enterre-o num buraco contendo lima, matéria lodosa. Cubra-a com um pouco de turfa, e depois com terra.
- c) cave uma valeta para dirigir água da chuva (ou neve) para o buraco. Atenção: contrariamente aos outros casos, aí não se quer evitar, mais atrair água.
- d) Uma variante: em vez de enterrar os crânios, coloque-os num barril de madeira onde água da chuva (de uma calha, por exemplo) possa entrar e sair. Coloque no barril plantas verdes, que produzem limo (tiradas de valetas, p. ex.).
- e) Os crânios são enterrados ou postos no barril no fim de março, e retirados em setembro - outubro (isto é, permanecem enterrados durante outono e inverno).

PREPARADO 506 – DENTE-DE-LEÃO

MATERIAL:

- Flores de *Taraxacum Officinallis* (dente-de-leão).
- Mesentério bovino.

INSTRUÇÕES:

- Colha as flores de dente-de-leão (somente as cabeças) quando estão bem abertas (ideal, segundo testes de cristalização, entre 9 e 11 da manhã). Escolha flores bem desenvolvidas, mas não muito avançadas na direção da formação de sementes.
- Espalhe-as numa camada fina e deixe-as secar à sombra por dois ou três dias em lugar quente e seco, com alguma corrente de ar.
- O mesentério é a continuação do peritônio, membrana (véu) que envolve os intestinos. É a parte que vai para dentro da cavidade abdominal e suspende os intestinos. Não confundir com as camadas gordurosas que envolvem o intestino por fora.
- Deixe as bolas secarem por alguns dias ao ar livre. Tendo que esperar mais antes de enterrar, guarde-a numa vasilha com musgo. Se as folhas encolherem, costure de novo para fazer a bola firme antes de enterrar.
- As bolas são enterradas no outono (março-abril) e retiradas em setembro – outubro.

PREPARADO 507: VALERIANA

MATERIAL:

- Flores de *Valeriana Officinallis* (valeriana).

INSTRUÇÕES:

Colha as flores no verão – de preferência à tarde, de acordo com testes de cristalização. Voegelé sugere umedecê-las por alguns dias com água de chuva, antes de espreme-las; Maria Thun discorda, dizendo que tem observado fermentação e diminuição do efeito.

Sugere-se passar as flores por um moedor de carne ou similar, depois espremer fortemente num pano de linho. Guardar em vidro fechado, sem maiores tratamentos (conserva-se bem).

NOTAS: No ponto 4.4. falaremos do uso deste preparo contra danos de geada- no presente capítulo não falaremos. A raiz de valeriana é usada como sedativo e calmante; quanto ao suco da flor, não há referências oficiais, mais ouvimos de algumas pessoas que seria tóxico se ingerido.

NOTAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DOS PREPARADOS 502 A 507

Com poucas exceções, estes preparados não se usam diretamente sobre as plantas ou solo, mas sim na preparação de compostos e outras formas de adubos orgânicos. Falar sobre eles detalhadamente seria muito mais complexo do que falar sobre a ação dos sprays. Trata-se de um aprofundamento que não cabe neste trabalho. Diremos apenas o seguinte: os preparados ajudam a regular toda a atividade interna de uma pilha de composto, bem como suas trocas ao ambiente – tanto, em termos de substâncias, como de forças. Favorecem a microvida mais desejável, bem como direcionam a formação de substâncias para o melhor valor. Compostos tratados com esses preparados são mais “limpos”, mais estáveis e efetivamente mais ricos e equilibrados para a nutrição do solo e das plantas.

Daremos aqui algumas indicações práticas sobre seu uso:

- a) Lidamos com um conjunto de cinco preparados sólidos e um líquido. Os sólidos são colocados no interior do composto, em pitadas. O líquido (507) é diluído e dinamizado, sendo então aspergido sobre a pilha de composto.
- b) Ao aplicarem-se os preparados sólidos (502 a 506): usamos sempre a série de cinco, nunca alguns numa pilha, alguns noutra. Nunca misturamos os preparados entre si, nem os misturamos com o material do composto. Colocamos como pitadas isoladas aqui e ali, eles irradiam sua ação para toda a pilha.
- c) Esses preparados são usados em pilhas de composto de todos os tipos – desde as mais artesanais, em jardins, até grandes pilhas de esterco manejadas a trator. São usados também em camas de animais (em estábulos, granjas), onde a camada de esterco e palha se acumula até uma boa espessura. São usados ainda em esterco líquido de todos os tipos (inclusive chorumes animais ou vegetais).
- d) No composto, temos visto duas formas principais de colocá-los:



Enfia-se uma vara a no mínimo 30 cm de profundidade no composto (de preferência até metade da pilha). No buraco deixado pela vara, coloca-se a pitada de preparado (temos visto a pitada ser enrolada numa bolinha de composto velho ou solo, e jogada buraco a dentro) – Em seguida, fecha-se o buraco (com terra).

e) Quando a pilha vai sendo construída aos poucos (composto de lixo de cozinha, cama e estábulos), sugere-se o seguinte método: quando já haja uma camada de 30 ou 40 cm., colocam-se os cinco preparados sobre a superfície, em “manchas” com metade da dose total a ser usada na pilha. Cobre-se com 5 cm de terra ou turfa. Segue-se regularmente com a pilha, e quando haja nova camada de 30 a 40 cm, repete-se a operação, continuando a pilha então por mais 20 a 40 cm, pode-se considerar pronta – Só aplica-se a Valeriana (507).

f) Para esterco líquido, pode-se colocar uma pitada de cada preparo num pedacinho de pano e amarrá-lo junto com uma pedrinha, para que vá ao fundo. Tentar que haja uma distância mínima de 30 cm entre as diferentes “bolsas” com preparados.

g) Aliás, como regra geral, a distância mínima entre o ponto de aplicação de dois preparados deve ser de 30 cm e máxima, de 2 m.

h) Somente depois de prontas as pilhas e aplicados os cinco preparados sólidos aplica-se a solução dinamizada de 507 (Valeriana). Pode ser usada uma bomba de spray, ou a própria mão, em gotinhas maiores. A pilha ou a área toda deve ser aspergida: com isso forma-se uma “pele elétrica” que vai regular trocas de calor e outras trocas da pilha com o ambiente. Nos adubos líquidos, acrescentar a solução dinamizada de Valeriana ao líquido. (Como dinamizar: ver mais abaixo).

i) No caso de adubações “em área” – adubação verde, coberturas mortas, etc., que são especialmente indicadas em faixas tropicais, parece-nos que o melhor modo de conseguir os benefícios desses preparados seja o “Fladen” desenvolvido por Maria Thun (ver 2.3).

Para quantidades: dos preparados sólidos tomam-se doses de um a três gramas – uma pitada, uma colherinha de café. Da valeriana (507), um ou dois centímetros cúbicos para dez litros de água morna, dinamizados por vinte minutos. Ver instruções gerais para dinamização no ponto 3.4.

Maria Thun sugere que um grama de preparo sólido pode corresponder a um metro cúbico de composto ou esterco – isto é, o conjunto dos cinco preparados em pilhas menores. Pilhas muito grandes podem receber uma concentração menor, mais dispersa – respeitando o intervalo máximo de dois metros entre dois preparados. Pilhas muito longas devem ser consideradas com um “trem” de pilhas curtas, cada segmento recebendo uma série completa de preparados.

OUTRAS VERSÕES DESSES PREPARADOS

Além de sua forma clássica, encontramos os preparados para composto em algumas versões diferentes, desenvolvidas mais recentemente de acordo com diferentes motivações. São de nosso conhecimento no momento o Compost-Starter desenvolvido por Pfeiffer, o Fladen desenvolvido por Maria Thun, e o Q. R.Compost-Activator de Maye Bruce.

O PFEIFFER COMPOST-STARTER

Ehrenfried Pfeiffer foi uma das figuras mais importantes do movimento biodinâmico, tendo sido também responsável por sua difusão na América do Norte. Poder-se-ia dizer que foi o primeiro nome criativo na biodinâmica depois de Steiner, o primeiro a ousar trazer suas pesquisas originais ao corpo de conhecimentos da biodinâmica. Suas obras A fecundidade da Terra, A Face da Terra “A Fair Garden Plot”, entre outras, são altamente recomendáveis, embora ainda esperem tradução para o português.

Pfeiffer juntou os preparados 502 a 507 ao preparado 500 e a culturas bacterianas e substâncias enzimáticas, dando ao produto o nome de compost-starter, o qual é aplicado após maceração. Seu uso se difundiu na América do Norte. Não temos maiores dados a respeito, mas acreditamos que possam ser conseguidos da BD Association, P.O.Box 253, Wyoming, Rh. Island 02898, EUA.

O “FLADEN”, SEGUNDO MARIA THUN

Ao contrario do “starter” de Pfeiffer, que é utilizado nas pilhas de composto de mesmo modo que os preparos originais, Maria Thun buscou um modo de trazer ao solo os benefícios dos preparados 502 a 507 com maior frequência do que a permitida pelas aplicações de composto ou esterco. Maiores detalhes sobre esse preparado se encontram num folheto distribuído pela Associação Beneficiente Tobias há alguns anos, ainda em estoque na Deméter e reimpresso na revista ELO nº16 (Rua Gabriele d’Annunzio, 255, 04619 São Paulo). Provavelmente será reimpresso em outra publicação da Deméter.

A palavra “Fladen” refere-se ao esterco de vaca quando forma uma “torta” consistente e bem formada. Sugere-se que as vacas tenham uma boa alimentação especial e volumosa por algum tempo, para conseguir um esterco de consistência plástica, moldável. Desse esterco são colocados cinco baldes num barril de madeira, adicionando-lhes 100 g. de casca de ovo seca e triturada, e 500 g. de pó de basalto (Com textura semelhante à da areia).

O material colocado no barril é dinamizado por uma hora de modo semelhante ao recomendado para os preparados 500 e 501 (ponto 3.4). Em seguida enterra-se um tambor sem fundo uns 30 a 40 cm no solo, amontoando ao seu redor a terra resultante da escavação.

Nesse tambor coloca-se metade do material, e sobre ela uma porção de cada preparado (502 a 506). Adiciona-se a outra metade da massa, e sobre essa uma diluição de 5 gotas do preparado 507 (Valeriana) em um litro d'água, mexida por dez minutos. Fecha-se o tambor (que deve estar ao ar livre) com tampa de madeira, por quatro semanas, depois do quê seu conteúdo é cortado e mexido, e deixado repousando por mais duas semanas.

O modo de aplica-lo é semelhante ao preparado 500, com as diferenças de que são usadas cerca de 250 g. de preparado por hectare (em 60 litros de água), e que apenas quinze a vinte minutos de dinamização são necessários.

O Fladen não é um substituído para o preparado 500 – suas funções são diferentes. Sua aplicação pode ser bastante ampla, sendo sugeridos por exemplo os momentos de aplicação de cobertura morta, aração, aplicação de composto ou após pastejo de piquetes. É um bom modo de conseguir os benefícios destes preparados quando se usa adubação verde.

O Q. R. COMPOST-ACTIVATOR DE MAYE BRUCE

Esta versão dos preparados nos deixa numa posição delicada: por um lado, parece bem atraente, principalmente a quem não queira trabalhar com partes de corpos animais; por outro, suas declarações recusando filiação à escola biodinâmica parecem desconcertantes.

Maye Bruce publicou um livro chamado “Common-Sense Compost Making” (Faber & Faber, London), e chama seu método de “Quick-Return” – poderia escolher nomes mais norteamericanos? – donde o nome Q. R. Compost Activator. É baseado no mesmo material vegetal que os preparados clássicos (milfolhas, camomila, urtiga, dente-de-leão, casca de carvalho, valeriana), mas tenta introduzir as forças animais apenas através de mel e lactose. Seguem-se instruções de acordo com o livro referido:

- a) Seque bem todas as ervas. Moa e passe na peneira, de modo a conseguir em pó bem fino de cada uma delas.
- b) Tome uma gota de mel e misture com um dracma (medida antiga) de lactose (ou açúcar-de-leite, conseguido em farmácias) até estar completamente absorvido.
- c) Tome partes iguais de cada um dos sete ingredientes. Misture bem e guarde em vidro fechado.
- d) Para usar, tome uma pitada para meio litro de água de chuva. Agite bem. Deixe repousar por 24 horas antes de usar. Uma vez preparado, dura três semanas. Deve deixar doce, não azedo.
- e) No composto, pode-se borrifar cada camada à medida que se constrói a pilha (método horizontal), ou então fazer furos na pilha pronta, separados de 30 a 60 cm., até uns 10 ou 15 cm. do fundo da pilha. Derramar uns 100 g. de líquido em cada buraco, enchê-los com solo seco e socá-los para evitar ar.

Maye Bruce diz ainda que as únicas ervas absolutamente indispensáveis seriam a milfolhas e a urtiga. As outras poderiam ser dispensadas ou mesmo substituídas por plantas como” hollyhock” (*althea rósea*), noqueira (*juglans nigra*), morango (*fragaria vesca*), yellow dock” (*rumex crispus*), calendula, sálvia, sabugueiro (*sambucus nigra*), chicória. Sugere também o acréscimo de um pouco de alga marinha seca.

Parece tão simples e atraente... o desconcertante começa com a seguinte nota de rodapé na pág. 65 do livro, transcrita intregalmente:

“Os métodos Q. R. não devem ser confundidos com aqueles ligados ao Dr. Rudolf Steiner. Ele foi o primeiro a advogar o uso das ervas mencionadas na agricultura, como declarado publicamente pela Sociedade Antroposófica. O ativador usado no método Q. R. é inteiramente diferente dos preparados feitos e usados pelas sociedades ligadas ao nome do Dr. Steiner. Esta nota é inserida para evitar qualquer confusão possível”.

Por outro lado, tampouco ouvimos falar de qualquer estudo comparativo. Da parte de H. Koepf, quando inquirido, ouvimos apenas que “deve ter seu efeito, mas não deve ser a mesma coisa.” Há relatos de eficácia, por parte de Maye Bruce, mas qualquer posição sólida,

científica (e portanto antropológica) não pode ser tomada sem que se efetuem pesquisas despreconceituosas. Pedimos licença para uma observação de responsabilidade pessoal:

Os fatos observados, e mesmo o jargão da nota, indicam claramente que há em jogo discordâncias e atritos maiores do que os expressos claramente, e que esses possivelmente não são de natureza científica. Não seria sábio tomar qualquer dos partidos sem conhecer a questão inteiramente, com base em preconceitos ainda que bem-intencionados. Na verdade, se nos consideramos em luta pelo bem da Humanidade e da Terra contra as forças do egoísmo, que não discriminam local na hora de atacar, devemos conscientemente desconsiderar essa e outras velhas questiúnculas que não dizem respeito a nosso trabalho presente e futuro - e ainda, temos não só o direito como o dever de nos apossarmos e difundirmos essas informações, em nome do bem da humanidade, e de questionarmos duramente quem quer que procure reservar direitos pela posse de tais conhecimentos e informações.

(Nota do compilador).

2. INSTRUÇÕES GERAIS PARA ENTERRAR, ARMAZENAR E DINAMIZAR PREPARADOS

COMO ENTERRAR:

Alguns preparados receberam algumas instruções específicas sobre o modo de enterrar, nos seus próprios capítulos – mas de modo geral as seguintes regras valem para todos:

- a) O solo ideal será profundo e rico em húmus, e bem equilibrado: nem demais argiloso, nem demais arenoso; nem seco, nem enxarcado; Caso não se encontre bom no solo local, cavar um buraco grande, como para árvore, enchendo-o de bom solo e composto.
- b) Evitar a área de raízes e árvores, bem como a proximidade de paredes, valetas e divisas de propriedade.
- c) Evitar também enterrar diferentes preparados próximos uns dos outros. Escolha mesmo posições bem afastadas.
- d) A profundidade deve ser entre 30 e 40 cm. É importante que seja dentro do solo vivo, não do subsolo. O solo deve preencher totalmente o espaço ao redor dos preparados – evitar espaços vazios.
- e) Embora não indispensável, é considerado positivo que se plante alguma cultura por cima de onde estão os preparados. É de bom senso, porém, escolher alguma cultura cujas raízes não sejam muito “intrometidas”.
- f) Não esqueça de sinalizar muito bem o lugar. Esta nota parece supérflua, mas não tem sido poucos os casos de preparados perdidos por falta de sinalização.

QUANDO ENTERRAR E DESENTERRAR:

ÉPOCA	ENTERRAR	DESENTERRAR
Cerca do Equinócio de Primavera (Setembro-Outubro)	----	500, 502 (out/nov.), 503, 505, 506
Cerca do Solstício de Verão (Dezembro/Janeiro)	501, 504 (Pendurar 502)	504
Cerca do Equinócio de Outono (Março-Abril)	500, 502, 503, 505, 506	501 (abril/maio)

NOTA: Para regiões sem definição de quatro estações sugerimos ler o ponto 5.4.

COMO ARMAZENAR:

O preparado 500 deve ser deixado preferivelmente no chifre e no solo – mas, sendo retirado, deve ser armazenado do mesmo modo que os preparados de composto (502 a 507): em vidros fechados, dentro de uma caixa u vasilha de madeira, cerâmica ou vidro, forrada por todos os lados (inclusive em baixo e em cima) por turfa, que teria propriedades isolantes. Encontramos referência também a turfa e/ou cortiça. Algo nos diz que um material brasileiro a ser testado é o xaxim – mas trata-se apenas de sugestão para uma experiência, não de uma regra ou algo testado.

O preparado 501, de sílica, tem ligação especial com as forças de luz, e deve ser armazenado de outro modo: em vidros transparentes, incolores, em local exposto à luz do dia.

Os outros preparados devem de preferência ser guardados em local fresco, escuro e úmido, como um porão, por exemplo.

COMO DINAMIZAR:

a) Evite recipientes que se oxidem e os de plástico (Kabisch diz que materiais sintéticos produzem gases). Têm sido usados recipientes de madeira, de metal esmaltado, zinco, louça, vidro. Tanto os recipientes quanto os aparelhos de pulverização não devem ser usados para outros fins.

b) Para pequenas quantidades é fácil agitar o liquido com a mão ou uma pequena escova de cabo.

c) Para quantidades maiores, colocar o barril sob uma viga ou um galho de árvore. Amarrar nessa viga ou galho uma corda de onde penda uma vara, que deve sair bem no centro do barril e chegar até uns cinco centímetros do fundo. Assim se torna fácil movimentar a vara sem ter de suportar seu peso.

d) Para grandes quantidades, Kabisch sugere que em vez de pendurar diretamente a vara. Pendure-se uma barra transversal, a uma altura que seja possível manejá-la comodamente. Dessa barra sairiam três varas paralelas, que iriam três barris de uma vez.

e) Também são admissíveis meios mecânicos (motorizados) de agitação, desde que consigam realizar o movimento correto. Muitos consideram um modo “inferior” de preparar.

f) Quanto ao movimento: girar numa direção, até criar um vórtice (funil, remoinho) bem formado, que vá tão fundo quanto possível. Então, inverter subitamente o sentido da rotação, destruindo o primeiro vórtice (“criando um caos”) quando houver um novo vórtice bem formado no novo sentido de rotação, invertê-lo de novo – e assim inúmeras vezes, durante todo o tempo indicado.

g) Sobre a água: o melhor é usar água de chuva. Caso impossível, deixar a água (que se consiga) repousar por um tempo antes de usá-la. O ideal é que a água esteja a uns 35 ou 37 °C de temperatura.

h) Sobre o tempo de dinamização:

500 e 501 – são dinamizados por uma hora.

507 (Valeriana) – necessita vinte minutos de dinamização.

Fladen – uma hora na preparação, quinze a vinte minutos antes de aplicar.

Preparados homeopáticos de cinzas (4.6) – cada solução é dinamizada um mínimo de três minutos. (Para as primeiras potencias não é necessário usar o método acima, visto se tratarem de pequenas quantidades: (basta fechar um vidro e agitar).

i) Uma vez dinamizados, os preparados devem repousar uns dez minutos. Podem ser coados num pedaço de pano, para evitar que pedaços sólidos tranquem a bomba de aplicação. Devem ser aplicados dentro das três primeiras horas depois de dinamizados.

A velocidade da dinamização não precisa ser alta, mas o movimento deve ser rítmico, regular. Sendo feito de um modo calmo, rítmico, não é um trabalho cansativo; de certa forma é até mediativo. Pode-se fazer um revezamento das pessoas a girar a vara, e fazer mesmo da dinamização dos preparados na ocasião de reunião, encontro – até festivo, o que não é de pouca importância no aspecto social da agricultura.

3. ALGUNS PREPARADOS ACESSÓRIOS

Anos de prática, por um lado, e de pesquisa, por outro, têm trazido muitas contribuições no campo dos recursos contra pragas e doenças, e em casos particulares de agricultura, horticultura, fruticultura, etc. Boa parte desses recursos não são exclusivamente biodinâmicos, mas pertencem ao repertório comum das escolas orgânicas. Já outros foram desenvolvidos fundamentalmente nos meios biodinâmicos, muitas vezes a partir de alguma indicação de Rudolf Steiner. Falta ainda uma repertorização exaustiva e sistemática desses recursos, e não será aqui que iremos fazê-la – embora pretendamos, com o tempo, ir suprindo essa falha em novas publicações.

O que faremos aqui é citar, em suas formas básicas, alguns recursos que já se tornaram clássicos nos meios biodinâmicos: num primeiro grupo, a cavalinha ou equisetum (conhecido mesmo como preparado 508), as águas de urtiga e a pasta para árvores. Num segundo grupo, referiremos ao uso de preparados contra danos de geada. E num terceiro, ao controle de pragas e ervas daninhas por preparados homeopáticos.

4.1 – A CAVALINHA (EQUISETUM)

Há várias espécies de equisetum, planta antiga e que tem de mais notável seu altíssimo teor de sílica. Steiner recomendou especificamente o uso do *Equisetum Arvense*, que começou a ser testado já com os outros preparados e chegou por isso a ser conhecido como “preparado 508” – mas não nos parece apropriado insistir nessa denominação visto não se tratar na realidade de um preparado.

O uso da cavalinha é simples: deve ser colhida no verão e secada em camadas finas. Para usá-la, faz-se um chá fervendo por uma hora cerca de dez gramas de erva seca por litro d’água (sugestão de Kabisch) – o que pode ser diluído em um pouco mais de água depois de pronto.

Pela sua sílica, suas relações com as forças da luz, a cavalinha tem seu parentesco com o preparado 501, embora seja mais modesta e de uso menos delicado. É usada quando as condições forem demasiado “lunares”: pouca luz, excesso de umidade, tendência ao ataque de fungos, lesmas e similares. Usa-se em spray ou para lavar as plantas, e também adicionada à pasta para árvores. Sua eficiência é maior como preventivo, mas é uma ajuda útil mesmo quando já haja ataques.

No Brasil nos encontramos com o problema de que o equisetum arvense não é uma erva comum, como na Europa. Têm sido usados, para fins medicinais, equisetum hiemale e giganteum, muitas vezes misturamos ao arvense importado. Não sabemos, que por outro lado, a qual deles se refere o nome popular “chá-de-cavalinha”, bem conhecido em partes do Brasil, nem em que regiões são especialmente encontrados.

Gostaríamos de sugerir que fosse pesquisada para esses fins uma planta brasileira que tem um gesto caracteristicamente silicoso e de predomínio de forças cósmicas: a carqueja (baccharis). Trata-se, no entanto de mera sugestão de pesquisa.

4.2 – A URTIGA – USOS DIVERSOS

Trata-se da mesma *Urtiga Dióica* do preparado 504, só que aqui não é enterrada. É usada de vários modos, o que fala no sentido de que passe a ser cultivada entre nós – embora Maria Thun sugira que não em condições muito “cultivadas”, justamente: a urtiga iria melhor onde há confusão, lixo não só orgânico mas mesmo metálico, etc. Seus principais usos são:

- a) Contra pulgões, insetos sem carapaça de quitina, larvas, etc.: colocar boa quantidade de urtigas (erva toda) num barril com água. Depois de vinte e quatro horas (mas antes de três dias) usar o líquido em pulverizações e lavagens. Nesse caso o agente principal é o ácido fórmico.
- b) Podemos proceder de modo semelhante ao acima, mas deixarmos em repouso por uma ou mais semanas, até a completa decomposição das plantas: é o chamado “chorume de urtiga”, adubo líquido altamente vitalizante. É usado como tônico para plantas fracas – mas em quantidade pequena e moderada, caso contrário seus efeitos podem ser os mesmos do nitrogênio solúvel sintético.
- c) Usa-se também o chá de urtiga, como um tônico mais brando para as plantas. Aliás, tal chá é também usado como tônico e depurativo para uso humano, excelente quando há carências de ferro, etc. (Também a sopa de urtiga e refogados ao estilo do espinafre são usados).
- d) Maços de urtigas “machucadas” ajudam a esquentar um composto renitente (além de adicionar nitrogênio e ferro).
- e) Solos onde urtigas cresceram por muitos anos têm fama de ser excelentes para usos hortícolas e de jardinagem.

4.3 – A PASTA PARA ÁRVORES

A pasta biodinâmica para árvores é usada em quaisquer curativos, como uma “casca artificial” (já que é altamente danoso para qualquer parte de uma árvore a falta de casca). Acaba-se com pragas quando se cobre no inverno árvore toda com esta pasta, por alguns anos: tira-se toda a casca que esteja solta ou avariada, removem-se liquens e fungos com uma escova (pode-se lavar com chá de cavalinha) e cobre-se a árvore toda, inclusive os menores ramos, coma a pasta. Para isso pode-se usar pincel ou bomba para “spray” com furo grosso.

A receita básica original era: um terço de barro (argila, barro de olaria, não qualquer lama), um terço de esterco de vaca, um terço de areia fina – mais água na quantidade necessária para dar à pasta a consistência desejada: bastante líquida para se aplicar, bastante aderente para firmar-se ao tronco da árvore. Essa receita serve quando se usa o pincel.

Para borrifação torna-se necessário eliminar a areia, e modificar as proporções: têm sido usados 80% de barro com 20% de esterco, bem misturados e peneirados para garantir que passem pela bomba.

À pasta são freqüentemente adicionados: chá de cavalinho, quando para o combate de fungos e similares; preparado 500, como fortificante da árvore e principalmente quando usado para raízes; extrato de nastúrcio contra afideos (segundo Pfeiffer), etc.

A pasta, em forma líquida, é útil no transplante de árvores, quando nela se mergulham as raízes. Nesse caso a pasta deve estar bastante líquida, e ter recebido preparado 500 previamente dinamizado (essa prática tem sido usada também no transplante de repolhos, segundo Koepf). Muitas outras variações das pastas são possíveis, queremos citar como exemplo algo extremo à receita fornecida por Kabisch, que a atribui a C. Appel de Darmstadt:

(Para 100 litros)

- 20 Kg. de argila ou caulim.
- 10 Kg. de esterco de vaca.
- 1 Kg de cinzas de madeira.
- 1 Kg. de esterco de pombo.
- 15 Kg. de sangue bovino ou de leite desnatado.
- 15 litros de chá de cavalinha.
- 10 Kg. de pó de diatomáceas ou de quartzo branco.
- 15 litros de solução dinamizada de preparado 500.
- 2 Kg. de amido, para aumentar a aderência.

Atenção: citamos a receita acima como um exemplo; não se trata da única receita de pasta de árvores. A inclusão de pó de diatomáceas (rochas formadas pelas carapaças silicosas de

certas algas), por exemplo, é muito interessante, mas, em nossas condições, um luxo geralmente impensável.

Outras preparações tem sido usadas em casos específicos de fruticultura, mas devem ser reservadas para alguma obra específica.

4.4 – O USO DE PREPARADOS CONTRA DANOS DE GEADA

Falta-nos experiência prática no Brasil, mas relataremos o que tem sido observado na Europa em relação aos preparados 501 a 507 na prevenção e tratamento de danos de geada.

O preparado 501 está ligado principalmente a forças solares. Kabisch refere que um spray de 501 ajuda a proteger os tomates contra o frio precoce do outono, e que também seria uma grande ajuda para o cultivo de frutíferas em regiões altas e frias. Refere mas não dá detalhes.

Maiores detalhes temos quanto ao uso da valeriana em sua forma de suco que é o preparado 507: esse preparado está ligado às forças de Saturno, que mais ainda que as solares são caracteristicamente forças de calor; deve por outro lado propiciar uma correta relação com o processo fósforo no mundo (phosforo = portador da luz; observe-se que quando se fala “processo fósforo, ou sal, mercúrio, enxofre, etc.” não está se referindo exatamente à substância, como na linguagem química, mas a um conceito mais amplo, da linguagem homeopática, alquímica, etc.).

O preparado 507 é diluído (Kabisch diz 2 cm³ para 10 l. d’água; Maria Thun diz uma gota para cada litro) e aspergido como uma névoa fina, que não molhe as plantas. Pode ser aplicado preventivamente sobre o solo, na noite anterior à geada. Logo de manhã, regar abundantemente as plantas. A aplicação pode ser repetida de manhã, mas depois de meia hora não se deve deixar de regar abundantemente.

Mesmo quando não se tenha feito aplicação preventiva, e já haja dano (plantas murchas, etc.) a valeriana pode ser usada: fazer a aspersão de manhã, antes que o sol esteja quente; o gelo pode estar presente ainda. Depois de meia hora, regar abundantemente as plantas (isto é, o solo ao seu redor, nunca a planta propriamente dita...).

Em tempo: K. Castelliz refere uma experiência de H. Kreiliger: cereais com danos de geada deveriam receber spray de 500 mais 507.

4.5 – OS DEFENSIVOS HOMEOPÁTICOS – I

Usamos aqui o termo “homeopático” porque os preparados a seguir não apenas são usados em dosagens mínimas e dinamizados do modo corrente em homeopatia, mas principalmente porque se enquadram no princípio fundamental da homeopatia: similia similibus curantur.

Steiner deu algumas primeiras indicações nesse sentido já em seu curso de agricultura – sugerindo meios de controle de ratos, insetos e inços (1) através de cinzas, que deviam ser preparadas e aspergidas em determinados momentos astronômicos. Por muitos anos essas sugestões permaneceram germinais, sem um desenvolvimento amplo e sistemático. Coube a Maria Thun desenvolvê-las do modo que exporemos mais abaixo, que ainda não encontrou grande difusão nos meios biodinâmicos mundiais.

(1) Apesar de ser um regionalismo do Rio Grande do Sul, achamos muito prática a palavra “inço” no lugar de “erva daninha”, seu sinônimo.

(2) Tradução livre a partir das duas versões da obra de Kabisch citadas entre as fontes (0.2).

Antes mesmo desses desenvolvimentos, a idéia básica da homeopatia foi bastante explorada nos meios biodinâmicos, como veremos no seguinte trecho transcrito de Kabisch, que nos parece bastante útil.

“O SEMELHANTE É CURADO PELO SEMELHANTE”
H. Kabisch ⁽²⁾

“Os sucos, chorumes e compostos a base de plantas enfermas têm grande efeito sobre as plantas da mesma espécie. Contra fungos e cancro de árvores, deixa-se fermentar e decompor em água frutas e folhas doentes; mais tarde, rega-se com esse chorume o solo descoberto ao pé das árvores, bem como montes de composto a serem aí usados. Do mesmo modo utilizam-se folhas enfermas de tomateiro, com a adição de um pouco de cal em pó e dos preparados. Na primavera rega-se com esse chorume os canteiros de tomate – não importando se ainda restam partes lenhosas não decompostas.”

“Todas as plantas doentes podem ser transformadas em um composto especial para o lugar dessas mesmas plantas”.

“Para as diferentes brássicas (couve, repolhos), no entanto, é necessário queimar as plantas, reduzindo-as a cinzas a serem misturadas ao adubo que se usará para a mesma espécie”.

4.6 – OS “DEFENSIVOS HOMEOPÁTICOS” – II

AS CINZAS DINAMIZADAS SEGUNDO MARIA THUN

ADVERTÊNCIA INICIAL: É totalmente fora do espírito da biodinâmica a idéia de atuar contra uma espécie vegetal ou animal. O método exposto abaixo deve ser usado com muita parcimônia, quando realmente necessário, e com a seguinte atitude: não pretendemos exterminar essa espécie; se ela chegou a se constituir numa praga, estamos numa situação de desequilíbrio, de outro modo essa espécie estaria presente mas não chegaria a ser praga. Há que buscar sanar esses desequilíbrios no ambiente, não apenas eliminar a “praga”. Ainda assim, podemos usar este tipo de preparado para pedir, com respeito, a essa espécie que se retire a limite mais adequados.

Tentaremos resumir o método prático que Maria Thun desenvolveu, a partir das sugestões iniciais de Steiner.

PROCEDIMENTOS BÁSICOS:

- a) No caso de inços, usamos as sementes, ou em certos casos outra parte, desde que a mais ativamente reprodutiva (estolões, bulbos, etc.). No caso de insetos ou vermes, um punhado dos mesmos, mortos. No caso de ratos, a pele.
- b) Esse material básico é reduzido a cinzas juntando-o a brasas de madeira. Maria Thun sugere duas partes de madeira para uma do material.
- c) No caso de pragas animais, mais ligadas à esfera anímica ou astral, é necessário ter em consideração o momento astronômico para fazer a preparação (ver mais adiante). No caso de ervas, esse cuidado não é necessário, desde que se proceda a dinamização das cinzas por uma hora:
- d) Uma vez obtida a cinza, essa deve ser dinamizada por uma hora, triturando-se para um lado e para outro numa almofariz (cadinho, gral).
- e) Caso a aplicação a fazer seja pequena, podemos usar diretamente essas cinzas dinamizadas, borrifando-as nos lugares que queremos livrar da praga ou inço. Caso se necessite uma aplicação mais ampla convém diluir essas cinzas até a potência homeopática D8 (outras potências podem ter efeitos indesejados).

- f) Essa diluição D8 pode ser espalhada em gotas, com a mão mesmo, ou em forma de spray. Tem-se usado 60 l. por hectare. O melhor resultado se consegue quando são feitas três aplicações, com algum intervalo.
- g) Maria Thun relata o quase desaparecimento da espécie tratada após quase três anos de aplicação: isso se deve à redução de suas forças reprodutivas e germinativas. Lembramos novamente: a intenção não é o extermínio total. A biodinâmica não trabalha com pesticidas ou herbicidas!

COMO DINAMIZAR ATÉ D8

- a) A letra D se refere a diluição decimal, isto é: juntamos uma parte (não importa quanto) da substância a diluir mais nove de água; procedemos uma dinamização por agitação, e teremos a potência D1. juntando uma parte da D1 a nove de água e dinamizado novamente, teremos a D2 – e assim por diante, até a D8.
- b) Não é importante a quantidade inicial da cinza – de qualquer modo você terá de jogar fora boa parte das potências intermediárias. (Caso contrário, começando com 1 cm³ de cinzas (Ø), chegaria a 100.000 litros de D8, bastantes para mais de mil e quinhentos hectares!).
- c) Tanto por razões práticas, quanto pelo fato de a potência D8 não se conservar bem quando armazenada, o mais indicado é guardar alguns frascos da D4, que se conserva bem. Na hora de usar, calcula-se quanto se necessitará da D8, e toma-se apenas o necessário da D4 guardada.
- d) Para preparar a D4:
- 1 parte de cinzas (Ø) mais 9 partes de água; agitar três minutos = D1
 - 1 parte da D1 mais 9 de água; agitar 3 min. = D2
 - 1 parte da D2 mais 9 de água; agitar 3 min. = D3
 - 1 parte da D3 mais 9 de água; agitar 3 min. = D4
- A D4 pode ser armazenada em vidros fechados e rotulados.
- e) A agitação: até aproximadamente um litro é fácil fechar o líquido num frasco e agitá-lo energeticamente. Para quantidades maiores é mais fácil colocá-lo num balde ou barril e usar o mesmo processo descrito para os preparados 500 e 501: agitar para um lado até formar o “funil”, depois para o outro. Neste caso bastam três minutos desse processo para cada dinamização.
- f) A D8 tem sido aplicadas nos campos numa razão de 60 l./há; isto significa que necessitamos de 6 cm³ de D4 por hectare. Por exemplo, se vamos pulverizar três hectares e meio (o que não deve ser um caso habitual), necessitaremos de:
- 3,5 x 60 = 210 l. de D8, que serão preparados a partir de
 - 21 l. de D7, que serão preparados a partir de
 - 2,1 l. = 2.100 cm³ de D6, preparados a partir de
 - 210 cm³ de D5, a partir de 21 cm³ ou ml. de D4.

O MOMENTO ASTRONÔMICO NAS PRAGAS ANIMAIS:

Advertência: os dados abaixo são anotações de respostas verbais dadas por Maria Thun a perguntas do auditório. Isso quer dizer que os dados não são exaustivos – espécies importantes podem ter ficado de fora – nem definitivos – pois mais pesquisa é requerida. Nem sempre são práticos, pois Maria Thun não se furtou a responder, por exemplo, qual o momento astronômico da sarna, mas dificilmente recomendaria este como um método prático de combatê-la. Finalmente, estes dados não foram ainda revistos por Maria Thun, conforme é seu pedido para quando suas palestras forem publicadas integralmente. Considera-se portanto o que se segue apenas um “aperitivo”, a ser tratado mais seriamente em publicações futuras.

O ideal é que a captura dos animais, a preparação e a aplicação se façam baixo as condições astronômicas indicadas para aquele tipo de animal. Há casos em que a posição de dois planetas é indicada: nesse caso, já há algum efeito se apenas uma condição for cumprida, mas o efeito é máximo se forem cumpridas as duas.

Dependentes do Sol:

Sol em Touro, Lua em Touro: insetos com carapaço e quitina:
 besouros,
 carunchos,
 formigas,
 baratas, etc.

Sol em Touro, Lua em Escorpião
 (Lua Cheia entre maio e junho): grilos
 morcegos

Sol em Gêmeos, Lua em Gêmeos: moscas
 inclusive bernes (usar moscas e larvas).

Dependentes só da Lua: (efeito reforçado com o Sol na mesma constelação)

Lua em Câncer: carrapatos

Lua e Marte em Câncer: lesmas

Lua em Libra: pulgões

Lua em Escorpião: lagartas,
 vermes (inclusive verminoses internas).

Lua em Aquário: piolhos,
 pulgas,
 bicho-de-pé.

Lua em Aquário: na preparação, Lua em Câncer na aplicação: nematóides

Dependentes de Vênus:

Vênus em escorpião: ratos (indicação original de Steiner).

Vênus em Aquário: sarna (!)

NOTA IMPORTANTE: tratamos aqui das posições astronômicas reais. Não servem para este fim os dados das enfermidades astrológicas, usadas em horóscopos. Deve se consultado o calendário biodinâmico ou as efemérides astronômicas.

4. A BIODINÂMICA, OS PREPARADOS E O BRASIL – Um ensaio original. ⁽¹⁾

Como estamos publicando um livreto dirigido ao Brasil, bem como outros países de fala portuguesa ou espanhola no Hemisfério Sul, não poderíamos encerá-lo sem referência a um assunto bastante polêmico, mas que não deve ser evitado: até que ponto a biodinâmica como sistema desenvolvido na Europa Central, serve a outros continentes e outras faixas do globo? Substâncias como a casca de carvalho, totalmente alheias à natureza do nosso hemisfério, não representarão uma interferência indevida? Devemos buscar ervas locais equivalentes às sugeridas por Steiner?

Não pretendemos dar respostas finais a nenhuma das questões, mas apenas expor diversos dos pontos de vista já expressos, historiando um pouco a discussão para que, do ponto em que chegou, possa progredir de modo proveitoso.

5.1 – A POSIÇÃO NACIONALISTA OU “TERCEIROMUNDISTA”

Não foram poucas vezes que vimos estudantes brasileiros, no Brasil e na Europa, bastantes contundidos com a idéia de buscar casa de carvalho ou bexiga de cervo, levantarem-se do seguinte modo:

A Europa já invadiu demais as outras áreas do mundo, impondo suas tecnologias geralmente inadequadas, o que, junto com a rapinagem das riquezas locais, está na base da mesma miséria atual do “terceiro mundo”. Movimentos alternativos autênticos, no terceiro mundo, estão justamente em busca de autonomia de teorias e de práticas, lutando contra a

dependência espiritual e material em relação à Europa (bem como à “nova sede” de sua civilização, os EUA). No caso específico das Américas, a situação é ainda mais complexa; a maior parte de nós tem um patrimônio genético e cultural proveniente da Europa, o qual no entanto já se modificou nas condições locais e não mais se identifica com o velho continente – e, por outro lado, ainda não se identifica plenamente com o novo: a verdadeira essência da natureza americana ainda permanece obscura para nós. Lutamos com o peso da consciência dos crimes dos nossos antepassados, e buscamos dar à Terra da América provas de que não compactuamos com eles, provas de que somos dignos dela – buscamos por todos os meios “indianizar-nos” (ou mesmo nos tornarmos os herdeiros do espírito índio, à medida que nossos “pais” assinam seu corpo); buscamos ser dignos de sermos iniciados nos mistérios da América, tanto por amor a ela quanto por não suportarmos mais viver sem terra para deitar raízes.

Diante desse quadro, oferecem-nos um meio de trabalharmos com forças profundas da Natureza, até mesmo com práticas que não pareciam estranhas a antigos pajés – e no entanto... trata-se de um método desenvolvido no coração mesmo da velha Europa, com uma fundamentação teórica profundamente enraizada na vertente indo-européia ou ária, e que na prática faz uso de substâncias oriundas dessa mesma região. Ora, não se pode minimizar esses fatos – a própria consciência iniciática, seja antroposófica, seja índia ou seja qual for, mostra sem sombra de dúvida que a questão é de fato grave, vai até níveis profundos e ocultos da história humana. Tais plantas e substâncias poderiam mesmo estar ligadas a uma natureza local, e não à natureza universal, e desse modo serem veículos de invasão e dominação por meios muito mais sutis e graves do que os vistos até agora!

É por essa razão que vimos muita gente gritar: estamos cansados de “pacotes tecnológicos”, de receber pacotes de coisas a serem aplicadas aqui, na nossa terra, de acordo com instruções de fora, e sem a nossa compreensão. Estaremos, portanto, abertos à biodinâmica à medida que ela provar que não é apenas mais um “pacote tecnológico” ou, pior, “tecno-mágico”.

(1) Este capítulo é da exclusiva responsabilidade do compilador. É possível que não reflita todas as diferentes opiniões possíveis no movimento biodinâmico.

5.2 – A RÉPLICA “UNIVERSALISTA”

Embora a maior parte dos biodinâmicos conceda que há peso nas posições anteriormente expressas, pode-se definir uma corrente de argumentação que é o oposto polar e extremo da primeira:

A biodinâmica (segundo esta corrente) não trata com forças naturais locais e sim universais, e de certa forma é inevitável um processo de universalização da cultura humana e que sabe da própria natureza. De acordo com uma visão profunda da evolução, a Terra não está mais num processo de separações, mas de re-uniões. O fato de que essa universalização se esteja processando justamente por via da cultura européia é apenas um acaso ou fatalidade.

Aponta-se, com bastante razão, para o fato de que nossa alimentação mesmo consiste basicamente de plantas exóticas, e que por isso mesmo também nossa agricultura. Ora, por que não usar preparados de plantas exóticas numa agricultura constituída de plantas exóticas (e que, mais longe, vão alimentar animais exóticos e também humanos cuja origem é exótica ou estrangeira)?

O argumento não é tão superficial quanto parece à primeira vista. Quem de nós, por mais “nacionalista” que seja, se alimenta exclusivamente de plantas nativas das Américas, para não dizer do Brasil? Descontemos o milho, a mandioca, alguns feijões, a batata, o tomate, o

xuxu, o mamão, o abacate a algumas plantas mais, como o girassol: a nossa alimentação é fundamentalmente exótica. Os mais radicais frugívoros tropicais se deliciam com bananas, mangas, jacas, geralmente sem saber que são originárias de outros continentes. Não poucos alternativos são macrobióticos, praticando verdadeiro culto ao arroz, que tornou-se também a base da alimentação brasileira, sem falar de detalhes profundamente japoneses da macrobiótica. Cenouras e repolhos, então! E as vacas, carneiros e cabras? E os remédios que tomamos, não derivam quantos de plantas exóticas? E nosso próprio patrimônio genético, não é “exótico”?

De fato, pouca gente ousaria dizer que não são universais culturas como o arroz, o trigo, a banana ou a cenoura. Isso configuraria um quadro que pediria práticas também universais apesar de adaptados localmente, assim como uma outra variedade de cenoura de adapta melhor a tal clima ou tal solo.

Essa corrente tem ainda um ponto de peso ao seu favor, que é uma declaração do próprio Steiner, relatada por Pfeiffer. Este perguntará se o método recém-proposto deveria ser posto em experimentação, e Steiner respondeu: “O mais importante é colocar os benefícios de nossos preparados à disposição das maiores áreas possíveis sobre toda a Terra, para curá-la e para melhorar a qualidade nutricional de seus produtos em todos os sentidos. Esse deve ser nosso primeiro objetivo. Experimentos podem vir mais tarde. “Pfeiffer refere ainda a outra conversa com Steiner, pelos mesmos dias. Pfeiffer perguntara: “Por que é que o impulso espiritual e o treinamento parecem dar tão pouco fruto? Por que, apesar de todos os esforços, não mostramos sinal de experiência espiritual? Por que, o que é pior, a força-de-vontade necessária à ação para a execução desses impulsos é tão fraca?” Ao que Steiner respondeu: “Trata-se de um problema de nutrição. A nutrição hoje não fornece a força necessária para a manifestação do espírito na vida física. Não se consegue mais construir a ponte entre o pensamento e a vontade, e a ação. As plantas alimentícias não mais contém as forças que as pessoas necessitam para isso”. (1)

É a luz dessa questão, diz Pfeiffer, que deveríamos entender a recomendação de Steiner de que os preparados fossem distribuídos o quanto antes para as maiores áreas possíveis da Terra, “para sua cura”. Essa é também a razão pela qual consideramos oportuno publicar estas instruções detalhadas, ainda que sem respostas finais.

5.3 – NATUREZA DO SUL x NATUREZA DO NORTE

São colocações de peso, as que acabamos de ver, mas seria prematuro dizer que fecham questão: na verdade, trazem bons argumentos de um lado, mas não respondem de todo aos argumentos do outro. Uma coisa parece clara: Steiner estava certo ao sugerir que não podemos paralisar a ação enquanto experimentos não são feitos. Tratemos portanto de agir – mas durante a ação continuemos pesquisas e discussões.

Temos tentado chamar atenção para um fato que nos parece da maior importância para quem quiser de fato compreender a Natureza, não apenas seguir receitas prontas. (Lamentavelmente a atenção tem sido pouca: as pessoas dão mais importância ao nome de quem está falando do que à importância do fato em si). Uma das bases fundamentais da biodinâmica é a compreensão do ritmo da “respiração anual da Terra”, o movimento ascendente o descendente do Sol e da energia solar no decorrer do ano. Aprender a fazer cada movimento no momento certo, para fazê-lo junto com a natureza, isto é essencial para o verdadeiro biodinâmico (curioso confrontar com as posições de M. Fukuoka, autor de “The One-Straw Revolution”, iniciador de uma escola orgânica no Japão). Pois bem, grosso modo o sentido da respiração da Terra é inverso nos dois hemisférios: quando está subindo no Norte, está descendo no Sul, e vice-versa. Isso é simples. Quando temos instruções “para junho”, na Europa, de modo geral basta lê-las aqui “para dezembro”.

(1) Do prefácio à edição inglesa do Curso de Agricultura de Steiner (v. 0.2).

Aí já surgiu um perigo: reduzir a natureza a um mero jogo geométrico. Ao invés de buscar conhecer a natureza local diretamente, o que seria de fato antroposófico, tratamos de conhecê-la pelas descrições da natureza européia, lidas em espelho. E não duvidamos que a Natureza é que será chamada a errada, se não estiver no lugar onde a esperamos encontrar através de nosso joguinho intelectual... Mas na verdade há muito mais a considerar, além de uma mera inversão de seis meses – isso se queremos ser científicos, não meros crentes.

Um desses pontos a considerar é bastante familiar aos biodinâmicos: o Zodíaco. A posição da qual o Sol, a Lua ou outro planeta atuam sobre a Terra é fundamental. Consta que Steiner teria dito mesmo que não deveríamos dizer “o Sol”, ou “Vênus”, mas sempre “o Sol de Câncer”, “Vênus de Capricórnio” (por exemplo), tão diferente é sua ação conforme a posição. Pois bem, a posição dos planetas no Zodíaco permanece a mesma para os dois hemisférios, não tem defasagem nenhuma. Ótimo, dirão alguns. Como, ótimo? E como combinar esse fato com o de que “o resto” da biodinâmica foi invertida em seis meses?

Ficaremos aqui como aveleiras, coitadas: A árvore de um sexo, ao ser introduzida no Brasil, inverteu sua floração em seis meses. A do outro sexo não. Jamais se encontram.

Não, não deve ser indiferente se estamos enterrando o mesmo preparado com o Sol em Peixes (água) ou Virgem (terra). E sobretudo: no Hemisfério Norte cada signo/constelação tem uma característica profundamente associada à realidade observável da respiração da Terra: assim Áries, signo dos princípios, das iniciativas, está ligado de fato a uma época de brotação (primavera), e escorpião a uma época de morte e decomposição. Gêmeos e Câncer representam um clímax, e Capricórnio está recolhido ao fundo da matéria. Acontece que não só o movimento ascendente e descendente do Sol, mas também o arquétipo zodiacal deixa profundas marcas na Natureza, em cada passo da Natureza. No Hemisfério Sul, cada arquétipo zodiacal está combinado com um movimento no sentido oposto ao tradicional: Áries é um signo em contração. A expansão não tem sua fase aquática no final e de um modo canceriano (lunar), mas no meio de um modo escorpiônico (plutoniano, marciano). Maria Thun relaciona moscas a Gêmeos: é compreensível a partir do arquétipo, mas... será possível desprezar que o Sol em Gêmeos, na Europa, é começo de verão? E não temos pleno verão em Leão, signo eminentemente solar, mas em Capricórnio, signo saturnino! Para quem conhece um pouco do significado dos signos, constelações e planetas esses dados são gritantes, e apontam todos para uma constatação fundamental: a Natureza do Hemisfério Sul não é um espelhamento da Natureza do Hemisfério Norte: trata-se de uma “obra” original, resultado de uma combinação diversa das diferentes forças criativas.

Se queremos ser biodinâmicos e/ou antropósofos sérios, não podemos desconsiderar tais fatos um só instante. Podemos, sim, seguir a recomendação de Steiner de não paralizar a ação enquanto a pesquisa não se completa, mas devemos tratar com respeito a pesquisa e reconhecer sua necessidade, e jamais termos a pretensão de ditar regras, pois honestamente nos falta o conhecimento para tanto.

5.4 – NATUREZA TROPICAL X NATUREZA TEMPERADA

Ainda: a divisão do mundo em faixas (calotas polares, faixas temperadas, faixas tropicais) não tem nada de arbitrária: resulta exatamente da relação da Terra com o Sol e o sistema planetário integral, e tem portanto profunda significação oculta, como poderia deprender de uma descrição da gênese do Sistema Solar como a de Steiner na “Ciência do Oculto”. Os diferentes ritmos que ocorrem nessas diferentes faixas são da mais profunda importância. Pois bem, os preparados biodinâmicos como dados por Steiner são dinamizados exatamente pelos ritmos característicos da faixa temperada – as quatro estações. Acontece que numa faixa até uns vinte graus ao Norte e ao Sul do Equador não existe esse ritmo, ou ele é tão tênue que não é determinante na Natureza: São outros os ritmos determinantes. Uma atitude

comum no meio antroposófico tem sido considerar isso mais ou menos como uma falha da faixa tropical... Quando isso na verdade revela é uma outra falha: nossa falha em realizar uma verdadeira antroposofia (sofia de todos os humanos, não só dos “temperados”), uma ciência baseada na observação verdadeiramente despreconceituosa da Natureza em toda sua diversidade. Temos muitas vezes realizado uma “antroposofia” cuja única observação é das palavras de Steiner:

Na faixa tropical geralmente se caracterizam bem duas estações mais ou menos independente dos fatores que condicionam o ritmo quádruplo temperado: a estação chuvosa e a estação seca. Em muitos lugares a estação chuvosa é chamada “inverno” e a seca “verão”. Tem-se observado, porém, que o efeito sobre a natureza desses “inverno” e “verão” tropicais é exatamente o composto do que tem o inverno e o verão temperados: a estação chuvosa representa uma expansão da natureza, enquanto que a estação seca é um processo de contração. É ainda mais semelhante ao inverno temperado quando lembramos que essa é a estação da cristalização, onde até a água passa ao estado “terra”, sólido.

Tendo em vista isso é que vários militantes biodinâmicos brasileiros (por exemplo, o agrônomo Andréas Loewens, que nos chamou atenção para o fato, ou Bernardo Thomas-Sixel, pelo que sabemos) têm sugerido que os preparados a serem enterrados durante o inverno europeu fossem enterrados durante a estação seca, nas faixas próximas ao Equador. É um exemplo do que chamaremos “direções a pesquisar”.

Finalmente: em termos de pura prática agrícola, a ciência ecológica demonstra sobejamente como temos de tratar o solo de modo radicalmente diferente nas diferentes faixas do globo. Há toda uma geração de cientistas empenhados em demonstrá-lo. Queremos citar quase como um símbolo o nome de Ana Maria Primavesi. Primavesi tem demonstrado como a aração do solo representou para a Europa do Norte a redenção da fome – e como representou um mergulho na fome e na miséria para as faixas tropicais. Não iremos expor aqui toda sua argumentação, o que queremos dizer com isso é: a base orgânica sobre a qual iremos construir a nossa biodinâmica é necessariamente diferente daquela sobre a qual se assenta a biodinâmica européia.

É claro que isso incomoda. É muito mais fácil copiar sistemas prontos, com apenas ligeiras adaptações. Existem mesmo experimentos em andamento no Brasil que são fundamentalmente uma adaptação da prática européia – e esses experimentos são válidos, e merece nosso reconhecimento a dedicação com que são feitos. Mas a ciência, enquanto ciência, tem de ser fria. Os responsáveis por tais experimentos devem reconhecer que estão dando uma contribuição a um quadro mais amplo, e experimental, que não têm respostas definitivas a oferecer às questões agrícolas brasileiras, e que não lhes cabe reagir numa defensiva emocional quando pesquisas científicas querem contradizer os seus usos. Essa é, ao contrário, a hora para uma verdadeira e científica humildade.

Insistimos nesse ponto por que os meios biodinâmicos brasileiros não têm, até este fim de 1983, profundidade que se compare a de outros cientistas como Primavesi no que toca as questões puramente agrônômicas da faixa tropical. É indispensável para nós, biodinâmicos brasileiros, estudarmos Primasevi, bem como nos informamos e experimentamos diferentes técnicas de cultivo mínima (como, por exemplo, o plantio direto). A biodinâmica propriamente dita consiste numa concepção da atividade agrícola, mais o uso de preparados e ciclos astronômicos: é preciso ser claro o objetivo quanto a isso. As demais práticas são comuns a todo o domínio orgânico e podem ser variadas. Não temos nenhuma necessidade de atrelar a biodinâmica a, por exemplo, a compostagem e à aração que se usavam na Europa em 1983 – ou corremos o risco de ter uma biodinâmica datada, que ficará para trás das conquistas mais avançadas da ciência agrícola, e terá deixado de cumprir sua missão, que seria a de introduzir detalhes sutis mas importantíssimos justamente no que serão as técnicas agrícolas do futuro.

5.5 – UM CONSENSO “ANTROPOFÁGICO”

Acabamos de sugerir que a biodinâmica é sobretudo uma concepção, diríamos mais, uma atitude, um modo de abordagem. É um vaso, que pode ser preenchido com diferentes substâncias, e a todas elas moldará de seu modo característico. Ela não deixará de ser biodinâmica, portanto, se a esvaziarmos do conteúdo que são as práticas européias, as quais derivam das condições locais e de uma grande tradição à qual não mais pertencemos. Com a mesma atitude, com o mesmo modo de abordagem, abordaremos a nossa realidade local e reinventaremos a biodinâmica para o Brasil – e essa não deixará de ser biodinâmica. Essa, em suma, é a única maneira de fundir a biodinâmica com a posição “terceiromundista”.

Por outro lado, persiste a gravidade da colocação de Steiner, sobre a urgência de trazer este princípio de cura para a Terra inteira. E na verdade é quando lembramos que a biodinâmica é uma “agricultura terapêutica” (curativa e preventiva) que fica evidente sua maior importância para o Brasil: hoje busca-se aumentar a produção agrícola brasileira pela expansão das áreas cultivadas, não pelo melhor uso das áreas já existentes. Na verdade, à medida que se avança adentro da Amazônia, as velhas áreas agrícolas são abandonadas, e em estado lastimável. Desse modo de uso que já exauriu o Nordeste, Minas, o Rio Grande do Sul, que mais recentemente invadiu o Paraná e já quase acabou com ele, só se pode esperar mais ineficiência e destruição, agora que invade o Centro-Oeste e a Amazônia. No momento de entrada dessas novas áreas pode-se ter a ilusão de riqueza e saúde tais que dispensariam princípios terapêuticos como os da biodinâmica – acontece que se está consumindo aí (sem reposição) a saúde acumulada pela Natureza em milênios.

Uma “agricultura terapêutica” seria útil nas novas áreas agrícolas, para evitar que cheguem a se desgastar – mas vemos sua máxima importância é na recuperação do Brasil “velho”. Regiões como Minas Gerais, onde séculos de instalação já bastaram para esboçar uma cultura própria, convivem também com a pobreza da Natureza, cujas forças foram todas drenadas para a construção dessa cultura. Por que não recuperar, por exemplo, Minas, no lugar de abrir novas áreas da Amazônia? Se todas nossas áreas já conquistadas fossem agora curadas, revitalizadas, isso permitiria a transfiguração de nossa civilização!

Como desprezar, diante desse quadro, o oferecimento de recursos comprovadamente eficazes para a terapia da terra? Ainda que haja bastante a classificar, bastante a pesquisar mais a fundo... Talvez seja daí que haja surgido um consenso mais ou menos espontâneo no meio biodinâmico brasileiro: os preparados, tais como são agora, são não apenas úteis e eficientes como importantes – devemos segui-los fazendo e utilizando; paralelamente, trataremos de promover a pesquisa. Serão bem-vindas todas as pesquisas sobre plantas nativas, e reconhecemos a possibilidade de que elas desemboquem, no futuro, em novos preparados.

Diferentes caminhos têm sido sugeridos para essa busca de plantas ou práticas equivalentes ou complementares às “tradicionalistas” da biodinâmica.

Por exemplo:

- O uso médico da planta.
- A função da planta como indicador agrônomico (p. ex., de condições de solo).
- Observações goetheanística.
- Uso da clarividência, como em Steiner (o que é um passo além da observação goetheanística. Diz-se às vezes que não haveria ainda depois de Steiner ninguém com vidência bastante para essa tarefa. Parece-nos uma declaração totalmente preconceituosa).
- Métodos científicos de observação das forças etéricas (cromatografia, cristalização, etc.).
- Tudo junto!

Infelizmente, até agora não tivemos chance de penetrar nesse caminho de pesquisa. Vê-se claramente que será espinhoso, e freqüentemente as pessoas mais exaltadas em acusar-nos de “importação de pacotes tecnológicos” são as que mais se retraem ao dizermos: “não é bem assim: você está convidado a participar da pesquisa para a substituição desta importação...”.

Citaremos, apenas como exemplo, algumas idéias que têm sido ventiladas, de modo bastante superficial ainda, quando se fala de substituição. Pelo uso médico, e pela natureza aérea, poderíamos quem sabe relacionar a camomila com a macela ou marcela. Como indicador agrônômico, e também pela natureza das flores, quem sabe a camomila se relacione com a Maria-mole ou catium (sugestão de Andréa Loewens). Pela observação geral, pensamos em relacionar o carvalho com a imbuia (companheira da araucária na floresta subtropical brasileira, como o carvalho é das coníferas européias; pela dureza, cor e cheiro da madeira, e usos semelhantes; a imbuia tem fama de atrair raios, o carvalho é ligado a Marte e ao Ferro, etc.). Também por essa observação algo indisciplinada é que pensamos em relacionar o equisetum e a carqueja, ou o xaxim com o musgo-de-turfa (peat moss). Observaremos ainda, num nível de maior seriedade, a idéia da equivalência entre inverno temperado e estação seca tropical, bem como verão temperado com estação chuvosa tropical. Insistimos porém que são sugestões para pesquisa, não respostas prontas.

Queremos lembrar a idéia da “antropofagia” como movimento cultural, como proposta por Oswald de Andrade e seus companheiros: o Brasil terá de construir sua própria civilização – mas para isso não rejeitará a dos outros. Pelo contrario: “devorará”, digerirá e incorporará informações de todas as fontes possíveis. Gostaríamos de ver essa combinação de aceitação e crítica, e esse pensamento voltado ao futuro, na hora em que estabelecemos nosso “consenso de trabalho” na necessária polemica sobre a biodinâmica e o Brasil.

(Guarapuava, dezembro de 1983).